

REDACÇÃO PRINCIPAL  
**ALEXANDRE VIEIRA**  
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho  
EDITOR—**JOAQUIM CARDOSO**  
Redacção e administração—Calçada do Combro, 38-A, 2.º  
Lisboa—PORTUGAL  
End. telegr. Telhava—Lisboa • Telefone: 1  
Officinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

# BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ—PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

## A SITUAÇÃO

A situação é esta: a vida do Estado está quase toda paralizada. Sobre a desorganização, sobre o caos em que isto há muito se encontra—uma paralisia, a rigidez quase absoluta dos enfiados músculos, a inércia do cérebro e da espinal medula.

O funcionalismo público, descobrindo-se a si próprio como classe, ergueu a cabeça e cruzou os braços. A greve é quase geral. Só prosseguem normalmente os serviços que o funcionalismo público quer que não sejam interrompidos, que entende que o não devem ser por motivos morais superiores—e que se seriam abandonados se se verificasse o caso extremo da resistência absurda e criminosa, que daria origem, conseqüente e fatalmente, ao desespero, à violência, ao esquecimento de tudo. De tudo!

Está quase paralizada a vida do Estado. Não se governa...

O próprio caos parou. Olha-se para isto e tem-se a impressão de uma grande máquina, cheia de peças e de engrenagens estranhas, feita de remendos, de coisas arcaicas, de coisas antigas, de rodas gastas, com alguns parafusos modernos a empregar-lhe um equilíbrio inconcebível—uma máquina que trabalhasse, estranhamente, fora de todas as leis da física, e subitamente houvesse emperrado. Ou, então, pode dar a impressão de um cadáver, sim, dum corpo inanimado, organismo arruinado e inútil. Ausentem-se! Não se lhe sente o coração. Potham-lhe um espelho em frente da boca entreaberta! Não o embacia, não manifesta o menor sintoma de que respire ou possa respirar. Será um cadáver? Será apenas um organismo sepultado no am profundo estado catatónico? Não sabemos? Em todo o caso não lhe cortemos as carótidas sem melhor exame nem lhe façamos

## A C. G. T. ante as greves

O Comité Confederal, anteontem reunido, apreciou a marcha dos movimentos grevistas, especialmente as greves dos empregados dos correios e telegrafos e do funcionalismo público, resolvendo acompanhar de perto estes movimentos, caracterizadamente nacionais.

Resolveu prestar-lhes incondicional solidariedade, conservando-se, para esse efeito, em sessão permanente, a fim de intervir quando a sua acção for reclamada pelos interessados.

Convida desde já os organismos operários de todo o país a prestarem o seu apoio a estes grevistas, especialmente nas localidades onde sejam exercidas perseguições.

Também o Comité Confederal chama a atenção das Unões de Sindicatos para os movimentos grevistas de classes isoladas que se verificam nas várias localidades no actual momento, o que ainda venham a verificar-se, prestando-lhes o seu apoio incondicional, posto que os actuais movimentos, sendo uma consequência lógica da rapacidade capitalista e da imprevidência dos governantes, devem, a todo o custo, sair vitoriosos.

**Sobre uma nota tendenciosa**

O Comité Confederal ocupou-se ontem à noite da seguinte nota, publicada em *A Capital*:

«A hora a que escrevemos está reunido o conselho central da Confederação Geral do Trabalho».

O Comité resolveu tornar público que tal nota é falsa e tendenciosa. O Conselho Central da C. G. T. ainda não reuniu vez alguma e nem tam pouco tomou posse.

Aquela nota revela apenas a vontade da imprensa que pesca nas águas turvas de ver perseguida a C. G. T. como se fossem as perseguições o bastante para evitar que este organismo prossiga na sua missão organizadora do operariado português, ou para o colir de acompanhar todos os movimentos de protesto ou reivindicações das várias classes em luta.

A situação—é esta.

## CARTA DE ITÁLIA

**Excursão de propaganda de Malatesta, suas peripécias—Leis abolidas de facto**

ANCONA, 16

Tudo o que assemos na carta anterior confirma mais uma vez a eficácia da acção directa e popular, como meio de abolir as leis e reduzi-las à impotência.

Noutros tempos na Itália eram aplicadas aos anarquistas associados as mais desmesuradas condenações. Então estes para fugirem à lei não se associavam, ou se o faziam era às escondidas, ou então dissimulavam a sua associação com outras formas e fins. Porém todas as vezes que convinha à polícia eram condenados do mesmo modo. E até aqueles que mais afirmavam não serem associados, eram os que maiores condenações recebiam! Mas um dia então resolveu-se que todos se associassem desafiando as leis e os tribunais, e assim foram constituídos os grupos anarquistas, as federações, etc. Quando se efectuaram novas prisões e se organizaram novos processos, abandonou-se o sistema de negar, e até pelo contrário se afirmou que se era organizado, e que se pretendia o direito de a fazer. Milhares de anarquistas de toda a Itália, declararam-se imediatamente solidários com os presos, não só idealmente mas de facto, afirmando que pertenciam às mesmas associações dos acusados, e que portanto também queriam ser processados por esse crime.

Isto, conjuntamente com os comícios de protesto, a solidariedade dos outros partidos subversivos, e as demonstrações de toda a espécie, fizeram com que o governo assoprasse duas palavras aos ouvidos dos magistrados, os quais acharam, depois disso, que não tinham razão... até certo ponto. Passamos a ser considerados como subversivos, mas não delinquentes. Continuavam a condenar-nos ainda, mas como associados para fins políticos—isto é, em escala menor, e com penas mais moderadas. O art. 248 tinha sido abolido para nós; e isto por essa ocasião foi verdadeiramente uma notável vitória.

Recentemente, com a greve dos ferroviários, assistimos a um fenómeno idêntico em substância embora em mais pequenas proporções. Havia um art. 56 que proibia aos ferroviários irem para a greve, e que condenava os grevistas, além da perda do lugar, a serem multados e encarcerados. Pois milhares de ferroviários puseram-se em greve, e para retomar o trabalho exigiram que o art. 56 fosse considerado letra morta. Nitti, o presidente do ministério, deu-lhes razão e o artigo 56 foi suprimido. A este respeito não é mau recorde.

Na esperança de poder abolir todas as leis, e de delatar ao fogo todos os códigos, procuramos abolir de facto, primeiro aquelas que violam o nosso direito de propaganda e a nossa liberdade de pensamento, as que ofendem a nossa dignidade de homens e que se servem como baixos instrumentos da polícia e de perseguição política.

**VOLUNTAS.**

## Reinda o 1.º aniversário de A BATALHA

Por motivo do 1.º aniversário de *A BATALHA* temos continuado a receber confortantes manifestações de aplauso e de solidariedade à nossa obra, sucedendo-se as saudações a este jornal, que, vivamente odiado, como é natural, pela burguesia e seus sustentáculos, conta as mais carinhosas simpatias entre a classe cujos interesses defende: a classe operária, que diariamente nos assegura a sua solidariedade, não só exteriorizada por animosas palavras, mas traduzida por factos duma eloquência incontroversa.

Tais manifestações mais nos encorajam nesta rude batalha a que temos dado o melhor do nosso esforço, podendo estar certos os amigos deste jornal que havemos, suceda o que suceder, prosseguir na nossa obra de propaganda até que melhores dias venham para a classe operária, a qual nos orgulhamos de pertencer.

Tais manifestações mais nos encorajam nesta rude batalha a que temos dado o melhor do nosso esforço, podendo estar certos os amigos deste jornal que havemos, suceda o que suceder, prosseguir na nossa obra de propaganda até que melhores dias venham para a classe operária, a qual nos orgulhamos de pertencer.

**As associações e A BATALHA**

Na sua reunião de ontem os operários manipuladores de pão, aprovaram uma saudação a *Batalha*, pelo seu primeiro aniversário.

**A Imprensa e A Batalha**

Palavras amigas nos tem dirigido vários confrades nossos da imprensa proletária, palavras que, à medida que o espaço no-lo permita, iremos reproduzindo nestas colunas, sentindo-nos sobretudo penhorados pelo que elas traduzem de amável.

**De A Bandeira Vermelha:**

Passou no dia 25 o 1.º aniversário do grande diário operário, denodado defensor das causas proletárias que ocupa na imprensa portuguesa, pela honestidade de processos, e no consenso unânime do público, um honrosíssimo lugar.

A sua distinta redacção foi oferecida no domingo 22 um jantar bastante concorrido.

**O FUNCIONALISMO EM LUTA**

**UNIDOS PARA A VITÓRIA**

Continua no mesmo pé o movimento do funcionalismo público, mantendo-se o entusiasmo e a firmeza dos dias anteriores.

Os bastos aleivosos, as insidias e atoardas sobre os grevistas, só tem servido para afervorar nestes o espírito combativo. E sintoma consolador: numa heterogeneidade de credos religiosos e opiniões políticas e partidárias, nenhuma opinião que não seja esta: nada de tibiezas, nada de desalecimentos.

E, como era de esperar, as violências já cometidas sobre alguns dos grevistas, tiveram como efeito despertar nos menos aguerçados o natural espírito de reacção.

Assim o moral da classe em luta é o melhor possível, tudo indicando que, mantida essa linha de conduta, as reclamações do funcionalismo sejam satisfetivas.

São esses os nossos votos, os votos de todo o operariado, que vê com a maior simpatia o despertar duma classe até aqui alheada da defesa dos seus interesses.

**Uma nota da Associação do Pessoal do Arsenal de Marinha**

Da Associação do Pessoal do Arsenal de Marinha e Cordoaria Nacional, recebemos a seguinte nota:

«Este sindicato, na sua grande parte composto de metalúrgicos, identificados com as justas reclamações dos seus camaradas da indústria particular, espera que nenhum operário destes estabelecimentos se preste a trair a causa dos seus camaradas em luta, quer indo prestar serviços fora das suas oficinas ou nelas executar trabalhos para a indústria particular.

Todavia aconselha-lhes a máxima serenidade, a fim de não criar obstáculos à C. M. que procura satisfação para as reclamações da classe».

**Empregados Menores dos Liceus**

Reúnem hoje, pelas 12 horas, na Associação de Classe, rua de S. Bento, 11, 1.º, os empregados menores dos liceus.

Tendo uma comissão desta classe procurado o director da Polícia de Segurança do Estado, J. A. Madeira, este passou-lhe uma declaração de que só um mal entendido podia interpretar a associação ter sido fechada. Esta declaração encontra-se na mão dos corpos gerentes da mesma Associação.

**Nota oficiosa dos comités de greve**

Com stando nos que tem sido ma interpretadas as notas oficiosas sobre o movimento grevista, visto existirem dois comités dirigentes, um incidindo sobre o pessoal dos correios e telegrafos e outro sobre o funcionalismo público exte-  
tranhando áqueles servismos, julgamos conveniente frisar que o entendimento mutuo é completo, visto o movimento ser comum, e para que essas dúvidas não subsistam, faremos a publicação das notas sob a rubrica de ambos os organismos de acção.

Resolvem os comités saúdar os seus camaradas da Imprensa Nacional pela nobre attitude tomada e agradecer os constantes oferecimentos do pessoal dos Hospitais Civis, a quem aconselha a máxima calma, pela especialíssima natureza dos seus serviços, que só em casos extremos poderiam ser aproveitados.

Registam-se com entusiasmo as continuas adesões recebidas, podendo afirmar-se que o governo se encontra em face dum movimento geral, cuja impotência destroe facilmente as gratuitas afirmações com que foi recebido de principio, atribuindo-o a maneios políticos.

Por parte dos Correios e Telegrafos pode destruir-se a informação de que o governo conte com qualquer meio de comunicação.

As avarias nas linhas estão garantidas e, dia a dia, serão reforçadas.

O único distrito que tinha algumas linhas livres, deu a estas horas saber que tem que se conformar com a evidência dos factos.

Em Lisboa, por parte deste pessoal, apenas se encontram nos seus lugares o Administrador Geral e dois secretários. Ainda não foi restabelecido o serviço postal aéreo...

## Reinda o 1.º aniversário de A BATALHA

que se realizou em Bemfica e para o qual, recebemos; também um penhor a mais que, impossibilitando-nos de comparecer a grande sessão de propaganda manifestada a que noutro lugar nos referimos.

Sabemos os ilustres camaradas de *A Batalha* na pessoa do nosso querido amigo Alexandre Vieira.

**De O Manipulador de Pão:**

Foi precisamente no dia 25 de Fevereiro do corrente ano que a nossa querida *Batalha* fez o seu 1.º aniversário!

Oh! Com o operariado português a saudação! Como ela prestou homenagem à imprensa operária de Portugal, nos pequenos órgãos da classe! Nesse número entrou *O Manipulador de Pão*, como humilde, e que nos congratulou e encorajou de mais do que para continuarmos a lutar contra os nossos exploradores!

Oh! Querida *Batalha*! quanto te agradecemos a homenagem que nos prestaste! Continua, batalhador, pela causa dos oprimidos, como até hoje, porque terás o aplauso de todo o proletariado e dos pequenos órgãos da classe!

Em nome de *O Manipulador de Pão* e da classe que lhe representa, enviamos-te saudações fraternais e a todo o corpo redactorial que te dirige, porque é derivado do esforço desses dedicados e incansáveis camaradas que tu estás sendo a luz da futura sociedade de Portugal!

Que contes muitos anos, é o nosso desejo.

**De O Socialista:**

Completo um ano este corajoso e intemerado defensor dos trabalhadores. Fazem-lo com o maior prazer; o que estranhámos foi que na homenagem aos jornais operários tivéssemos sido esquecidos, ou por termos muito pouco na nossa imprensa ou pela nossa pequenez. Mas assim como os homens, os jornais não se medem aos palmos.

Não nos fere o desprazo, se desprazo é o esquecimento do nosso colega. Na alta missão a que nos impozemos não nos preocupamos com as ninharias, no entanto: quem se não sente não é filho de boa gente.

Devemos uma explicação a *O Socialista*. Não foi por menos consideração que o não incluímos no nosso quadro, mas porque neste só figuravam jornais operários corporativos, razão esta por que também não incluímos no referido quadro várias folhas anarquistas.

## O senhor Liberato

Segundo o *Diário de Notícias* de ontem, o tenente-coronel Liberato Pinto, tendo qualquer alteração da ordem, deu anteontem várias ordens, que indicavam mais o desejo de apoderar-se da cidade, do que de restabelecer o sossego, que aliás foi absoluto.

O senhor Liberato enviou para Campolide uma bateria de artilharia e outra de metralhadoras, que marchavam protegidas por piquetes de cavalaria, e as forças de artilharia, aquarteladas no Matadouro, também protegidas; dirigiram-se para o Campo Grande, onde acamparam. Além disso o senhor Liberato andou visitando várias entidades no intuito de dar as suas ordens, que todo o bom cidadão deve acatar.

Não sabemos se o senhor Liberato tinha plenos poderes para pôr e dispor das suas forças armadas, colocando-as nos pontos estratégicos da cidade, o que vimos notando é a facilidade com que aquele senhor faz o que lhe apetece e que, escudado por alguns milhares de soldados, na maioria ignorantes analfabetos descobertos nos recantos da província, onde não existem associações de classe, parece propor-se a dono disto.

O que os seus soldados não sabem, porém, é que quando do assalto a estas oficinas. Agora as intenções do senhor Liberato é que são um pouco duvidosas. Hesitamos em classificar os seus actos. Não sabemos se mobiliza a tropa a seu bel-prazer para se crismar em Sidião Pais, se é apenas o exagerado desejo de restabelecer a ordem pública que o move.

Embora o jornal *O Mundo* diga que «certa imprensa se entretem agora a insultar a guarda republicana», nós, que somos essa imprensa—embora *O Mundo* o não diga—ratificamos aqui o que dissemos no nosso editorial de anteontem e acrescentamos que fomos assaz benévolo na nossa crítica às brutalidades praticadas.

O povo, que paga um respeitável soldo ao senhor Liberato Pinto, o povo, que se absteve de comer o açúcar que os da guarda recebem, tem o direito—o direito que da a saciedade—de examinar os actos dessa guarda e de permitir que ela, espécie de criado a quem o povo paga para o defender de hipotéticas desordens, se revólte contra o patrão e lhe ponha as patas... dos seus cavalos em cima.

Nun momento em que todos os patrões tentam esmagar as aspirações dos seus servos, o povo, patrão do senhor Liberato, não está disposto a receber as suas imposições nem tampouco a dos analfabetos que comanda.

**Pela marinha**

Pedem-nos que tornemos público o descontentamento de algumas praças de marinha que foram deportadas pelo desmembrismo, por ainda não terem recebido o prelo do mês de Julho de 1918 nem tampouco a importância relativa a três meses de aumento de razão, na totalidade de 27\$30.

## Desfazendo um boato

**Uma nota da Federação da Construção Civil**

Chamamos a atenção dos camaradas da indústria da construção civil para a seguinte nota oficiosa da sua federação corporativa, cuja doutrina deve ser bem fixada por todos os federados:

A Federação da Construção Civil, tendo conhecimento dos boatos tendenciosos espalhados de que o operariado desta indústria se declararia hoje em greve, previne os mesmos operários de que não devem abandonar o trabalho sem que a Federação se pronuncie, pois que é este organismo que há de iniciar qualquer movimento, caso seja necessário fazer-se, e não quaisquer especuladores que pretendam arrastar os operários desta indústria a qualquer acção.

Esta Federação, que em todos os seus movimentos sempre soube pautar o seu procedimento, mais uma vez vem a público declarar que nunca fez greves por sistema, pois que, se tem enveredado por esse caminho algumas vezes, tem-no feito depois de ver que resultam infrutíferos os seus esforços de poder chegar à fala com os mestres de obras, tendo sido preciso até as autoridades fazerem-lhe reunir à força para começarem a negociar com os operários.

Mais uma vez nos encontramos em idêntico transe, pois que desde 9 de Janeiro, data do envio das reclamações aos mestres de obras e oficinas, etc., até hoje, não obteve qualquer resposta desses senhores, o que é conveniente tornar público mais uma vez.

A Federação aconselha os operários a que tenham confiança na sua Organização, porquanto ela pretende que as reclamações sejam plenamente satisfetivas.

O secretário geral—J. Cardoso.

**Mais uma arbitrariedade**

Segundo uma nota que nos foi enviada ontem do governo civil, à excepção de três ou quatro, cujos nomes citava, todos os indivíduos presos por motivo do movimento do funcionalismo público, haviam sido postos em liberdade.

A provar que tal informação não era completa, temos a notícia que desde a passada quinta-feira se encontra na esquadra dos Anjos o operário António Peixe.

Uma comissão de operários avistou-se ontem com o director da polícia de segurança do Estado, a quem foi pedir providências contra o caso que apontamos, visto o referido operário ter sido preso em sua casa, sem motivo que justificasse tal procedimento.

A avulvar esta iniquidade, há o facto de António Peixe se encontrar num calabouço da pior espécie, tendo de manter aceso um candeeiro durante o dia, tal é a escuridão daquele antro.

**Trabalhadores lêde e propagai A BATALHA**

## A greve geral metalúrgica

**deve ser hoje geral**

Tendo o comité central do movimento metalúrgico declarado a greve geral da indústria ontem de madrugada, conforme dissemos, imediatamente os operários da Central Tejo abandonaram o serviço, sendo interrompida a energia eléctrica às 5 horas da manhã, devendo hoje paralizar por completo a indústria de metalurgia de Lisboa, segundo nos informa o S. U. M.

As autoridades, como sempre, serviram-se da disciplina militar para levar os operários fardados a atiraçarem os seus camaradas explorados da oficina.

Foi o caso que uma força de fogos da Armada tomou conta da «Central» e, após bastantes esforços, conseguiu pôr uma das turbinas a trabalhar, pelo que, pelas 10 e 30 de ontem, se encontrava novamente restabelecida a luz eléctrica.

Segundo informes que temos, a turbina que está funcionando não chegará a dar energia para força motriz, pois que é de pouca potência, encontrando-se as restantes sabotadas pelos grevistas.

Abandonou também o trabalho, ontem, o pessoal da secção eléctrica da Boa Vista.

O movimento deve atingir hoje o seu auge, pois que ontem, por ser domingo, as fábricas e oficinas encontravam-se encerradas, e a não ser a falta de energia eléctrica, não se fez sentir com a intensidade com que hoje provavelmente se apresentará.

O comité central aguarda que os industriais entabolem as negociações necessárias para que sejam satisfetivas na íntegra as reclamações da classe.

Os grevistas metalúrgicos em geral reúnem hoje, pelas 11 horas, na sede do Sindicato Unico Metalúrgico, rua da Esperança, 204.

**Uma nota do comité da greve**

Do comité central recebemos a seguinte nota oficiosa:

«Este comité, ao pôr-se em contra, por intermédio de *A Batalha*, com a classe metalúrgica, saída em especial das camaradas da Central Tejo e anexos pela forma brilhante e leal com que iniciaram o movimento.

Encontram-se os escravizados da caserna atiraçoando o movimento dos escravizados da oficina, mas não desanimados, camaradas!

A nossa causa tem que ser ganha, porque está certo este comité que em breve as companhias Reúndas do Gaz e Electricidade reconhecerão que lhe será mais prejudicial a marinha a trabalhar com as máquinas e caldeiras de que ceder às reclamações do pessoal metalúrgico.

Este comité, que reúne todos os elementos para que a vitória dos metalúrgicos seja um facto, não se responsabiliza pelas máquinas que tenham sido sabotadas pelos operários desde que intervenção estranha tenha havido, o que

## A situação de A BATALHA

Tem os trabalhadores demonstrado grande dedicação pela *Batalha*, não só por gestos individuais como por iniciativa das suas associações.

Se todos os operários sindicados souberem cumprir com o seu dever contribuindo com a quantia insignificante de \$05 mensais, poderá este jornal viver uma vida desafogada e continuar na sua missão de defesa acérrima dos direitos dos oprimidos.

Estamos absolutamente convencidos de que o operariado saberá compreender o seu dever, para que o jornal torne ao antigo regime de quatro páginas, que, mesmo assim, ainda são poucas para o desenvolvimento cada vez maior da organização operária.

**Corticeiros do Barreiro**

A Associação dos Operários Corticeiros desta localidade, na sua última reunião, para tratar de assuntos de interesse para a classe, e bem assim, resolver a melhor forma de auxiliar *A Batalha*, aprovou que a associação contribua com a cota mensal de \$500, cada sindicato fique pagando \$05 mensais, para o mesmo fim, independente da cota sindical.

**«O Combate»**

Comunica-nos a redacção do nosso colega *O Combate* que em virtude da greve do pessoal electricista das Companhias Reúndas do Gás e Electricidade não se publica hoje *O Combate*, não obstante este contra-tempo, aquele diário continuará regularmente a sua publicação amanhã.

## Preparando a repressão

Sempre que uma classe, impelida pela miséria, se une e luta no sentido de obter qualquer regalia, logo a imprensa burguesa e as autoridades se apressam em lançar a sania entre essa classe, inventando pretextos para envolver a opinião pública de maneira a criar um ambiente favorável a actos de repressão. Tem-se tentado pôr também em prática essa tática com a greve do funcionalismo público.

Já se lançou a público uma notícia tendenciosa de que o operariado da construção civil se amotinara porque não recebera a fêria nas obras do Estado, porém, com essa falsa notícia não conseguiu os seus fins. Ontem o jornal *A Vítima*, apesar da «sua grande simpatia pela causa dos grevistas», dizia que as autoridades sabiam que elementos desordeiros se haviam imiscuído no movimento grevista e que, sendo assim, as mesmas autoridades teriam de iniciar a repressão.

Como a greve tivesse decorrido dum forma absolutamente ordeira, havia necessidade de inventar um pretexto para fazer desordem, para vencer pela violência as justas aspirações do funcionalismo e veem pois com o argumento falso da existência de elementos desordeiros no seio dos grevistas.

Demais sabem as autoridades e a própria *Vítima*, apesar do seu amor ao funcionalismo, que esses elementos de facto não existem. E se existem, porque razão não apontam os seus nomes?

A repressão é certa, embora o momento peça reflexão, os funcionários tem absoluta necessidade de pão? Dão-lhes balas, pretendem dividi-las, enganando a opinião pública. E é assim que se atendem as suas reclamações.

Operário: Se não foste ainda ao teu sindicato contribuir para a «Casa dos Trabalhadores», não te demores em fazê-lo



